

COMPLEXO DE ÉDIPÓ – UMA CONSTRUÇÃO TEÓRICA DIVIDIDA EM QUATRO ATOS

EUDES DUARTE FILHO¹

FELIPE PESSOA MAGALHÃES ARAÚJO²

WANDERLANNY VASCONCELOS JEREMIAS³

Resumo: Este artigo pretende expor e discutir brevemente como se deu a estruturação de um conceito tão fundamental na teoria psicanalítica, que é o Complexo de Édipo. A divisão em quatro atos permite ao leitor entender didaticamente todo o processo teórico, visto que, cada ato tem a sua importância e não deve ser ignorado.

Palavras Chaves: *Psicanálise. Freud. Complexo de Édipo.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pode ser considerado como um fruto do Grupo de Estudos em Psicanálise da Faculdade Luciano Feijão, no qual, a partir das discussões sobre a obra freudiana, nos deparamos com o Complexo de Édipo, um conceito que sofreu algumas modificações e esclarecimentos ao longo dos tempos. Levando em consideração todas essas mudanças, possuímos o objetivo de apresentar e sistematizar esse conceito que foi remodelado várias vezes, buscando sempre destacar tais modificações.

O motivo que nos levou a tal pesquisa bibliográfica foi que grande parte dos estudantes da graduação em Psicologia, até hoje, não se apropriou ou sequer conheceu essa construção teórica. A importância dessa pesquisa está em esclarecer e divulgar a evolução do conceito para que os alunos não o conheçam apenas por uma forma simplificada e reducionista, mas de uma maneira amplificada.

Como a obra freudiana, em especial, é atravessada, de ponta a ponta, por grandes questionamentos e consequentes modificações, advindas, principalmente, de aspectos clínicos, escolhemos respeitar essas reconstruções conceituais, a fim de traçar metodologias que fortaleçam tais ideias.

O Complexo de Édipo é um dos elementos fundamentais da teoria Psicanalítica. Ele nasce a partir das observações do pai da Psicanálise, Sigmund Freud. Em resumo, ele

¹ Psicólogo. Psicanalista. Mestrando em Saúde da Família. Professor do Curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão (FLF). E-mail: eudesfreud@hotmail.com

² Aluno da Graduação em Psicologia da Faculdade Luciano Feijão (FLF). E-mail: felipe240891@gmail.com

³ Aluna da Graduação em Psicologia da Faculdade Luciano Feijão (FLF). E-mail: wanda.vasconcelosj@gmail.com

supôs, durante o processo analítico, a existência de um conflito psíquico dirigido aos pais e que estava presente tanto em sua própria vida, quanto na vida dos seus pacientes neuróticos. Suas reflexões o levaram a crer que esse conflito estava presente tanto na vida dos sujeitos ditos “sadios”, quanto nos “anormais” e que esse momento é de extrema importância para o lançamento da criança na cultura. Em outras palavras, Assoun (2003) coloca que esse conceito freudiano:

É o complexo nuclear (Kernkomplex: literalmente, ‘o complexo-núcleo’) da psiquê inconsciente. Posto que um complexo é um conjunto estruturado de representações, ou seja, ‘um certo círculo de pensamentos e de interesses dotados de poder afetivo’, este complexo, batizado em referência ao nome de Édipo, o herói da tragédia de Sófocles, designa o conjunto das representações e afetos que representam na criança a combinação de moções amorosas à mãe e moções agressivas dirigidas contra o pai. (p. 30) (tradução nossa)

Ao trabalharmos no Grupo de Estudos com o texto “*O Édipo Estrutural em Freud*” de Hugo Bleichmar nos deparamos com três momentos no qual Freud revisou e reformulou esse conceito. Então, esses momentos apontados por Bleichmar (1984) nos serviram de guia para essa pesquisa, porém, discordamos em partes do autor ao ignorar a obra “*Totem e Tabu*”, cuja qual Freud recorreu a outros saberes para fortalecer e confirmar as hipóteses acerca do Complexo de Édipo.

1º ATO LAIO E JOCASTA CONSULTAM O ORÁCULO DE DELFOS E DESCOBREM O DESTINO NO QUAL SEU FILHO FOI CONDENADO.

No primeiro momento, Freud, assim como Laio e Jocasta, esboçam e descobrem o destino desse filho que está por vir. Na construção teórica do Complexo de Édipo de Freud, somos levados a uma carta a Fliess, datada em 15 de outubro de 1897. Nessa carta, Freud inicia escrevendo: “...Minha auto-análise é realmente a coisa mais essencial que me ocupa atualmente e promete adquirir o maior valor para mim, se chegar a seu término” (FREUD, 1950 [1892-1899], p.314). Em seguida, comenta o motivo da interrupção temporária de sua auto-análise: “A meio caminho, ela subitamente cessou por três dias, e tive a sensação de estar amarrado por dentro, coisa de que [também] tanto se queixam os pacientes; e fiquei realmente inconsolável...” (*Idem*).

Logo após, Freud relata ao amigo um sonho que teve, nele a trama girava inicialmente em torno do pequeno Freud, sua babá, um roubo e sua mãe. Após o relato, Freud interpreta o sonho demonstrando afetos que ele dirigiu a mãe na infância e que até hoje esse fato reverbera em sua vida. Suspeitando desse fenômeno comum a todos, Freud (1950 [1892-1899]) escreve:

Depois disso, consegui aclarar muitas coisas; entretanto, não cheguei ainda a nenhum ponto conclusivo. Comunicar o que está inacabado é tão vago e trabalhoso que espero que você me perdoe por isso e se contente com o conhecimento dos aspectos que estão estabelecidos com certeza. Se a análise contiver aquilo que espero dela, eu o escreverei ordenadamente e o apresentarei a você depois. Até agora, não encontrei nada completamente novo, só complicações, às quais, de resto estou acostumado. (p. 316)

Essas complicações, frutos de análises, levaram Freud a especular a relação desse conflito psíquico (considerado já como um acontecimento universal) com o mito do Édipo Rei, de Sófocles. Ratificando essa ideia, Azevedo (2008) aponta que “o mito de Édipo é uma lupa, e cai como uma luva para Freud no sentido de revalar a estrutura que perfaz esse *ánthropos*” (p.67) . Antes de encerrar a carta a Fliess, Freud (1950 [1892-1899]) lança a ideia de que cada um de nós que estamos na plateia fomos um dia sob fantasia um Édipo em potencial, porém, diante dos nossos desejos narcísicos, recuamos.

Essa mesma discussão sobre a relação dos sonhos com esse conflito edípico é retomada em 1900 com a publicação da “*A Interpretação dos Sonhos*”, em especial na seção D chamada “*Sonhos sobre a Morte de Pessoas Queridas*” pertencente ao capítulo V. Nesse texto, Freud demonstra que há uma relação entre os sonhos, desejos inconscientes e o Édipo. O texto é ilustrado com casos de crianças e de pacientes que inconscientemente desejaram a morte de um dos seus genitores e que essas ideias vieram a tona tanto em falas do dia a dia, quanto em sonhos. Em seguida, Freud (1900/1996) propõe que esses desejos de morte aos pais não é algo universal, mas se caso ocorra, o conflito edípico tomará uma forma bem mais intensa.

Em 1910, em um texto chamado “*As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica*”, Freud recebe uma influência direta do até então “príncipe herdeiro da Psicanálise”, Carl Gustav Jung, e coloca discretamente nessa produção o conflito edípico como sendo um Complexo. Por mais que Freud não tenha utilizado a expressão Complexo de Édipo nesse texto, já podemos concebe-lo com um conceito de grande importância para o arcabouço teórico da Psicanálise.

Ainda no mesmo texto, Freud nos alerta que “nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas” (FREUD, 1910/1996, p. 150), conseqüentemente, indica que o mesmo “deva iniciar sua atividade por uma auto-análise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes” (FREUD, 1910/1996,

p. 150-151). Vale resaltar que alguns anos mais tarde, Freud contra indica a auto-análise para os seus discípulos.⁴

2º ATO ÉDIPO SOBREVIVE AO ABANDONO DOS PAIS, TORNA-SE HOMEM, GANHA FORMAS DE GUERREIRO, E POSTERIORMENTE SE DESENTENDE COM “UM CERTO” HOMEM EM UMA ENCRUZILHADA QUE ACABA MATANDO-O.

No segundo momento, Freud e a Psicanálise foram movidos por alguns questionamentos a cerca do Complexo de Édipo. Roudinesco & Plon (1998) apontam que essa questão tinham como tema a validade da Psicanálise diante das diferenças culturais e também a comprovação universal do Complexo de Édipo, tido como o “eixo conceitual do edifício freudiano” (p.757)

Na tentativa de responder a esses e a outros questionamentos, o pai da Psicanálise acaba utilizando a Antropologia Cultural como armadura e escreve o trabalho “*Totem e Tabu*” que, conseqüentemente encontra “alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos” (FREUD, 1913/1996, p.11). Roudinesco & Plon (1998) empregam alguns outros questionamentos que também moveram Freud, como a “explicação global da origem das sociedades e da religião a partir dos dados da Psicanálise” (p.757), assim como comprovação de que mito de Édipo e a proibição do incesto não passam de uma “repetição da história da própria humanidade” (p.757).

“*Totem e Tabu*” possui quatro capítulos e no último, intitulado de “*O Retorno do Totemismo na Infância*”, Freud recorre ao mito da horda primeva para apontar as possíveis conexões entre a infância, neurose e os povos primitivos. Porém no prefácio desta obra Freud (1913/1996) nos alerta que:

Faz-se neste livro uma tentativa de deduzir o significado original do totemismo dos seus vestígios remanescentes na infância – das insinuações dele que emergem no decorrer do desenvolvimento de nossos próprios filhos. A estreita conexão entre totens e tabus nos leva um passo à frente no sentido da hipótese apresentada nestas páginas e se, no final, a hipótese parecer altamente improvável, essa falha não constituirá argumento contra a possibilidade de aproximá-la mais ou menos estreitamente da realidade tão difícil de reconstruir. (p. 18)

Moreira (2004) aponta que esse mito tem como centro um pai dominador e violento que dominava e detinha o poder sobre todas as fêmeas daquele clã e com isso

⁴ No momento, mesmo reconhecido a importância desse assunto, ele não será objeto de investigação do presente trabalho.

foi desencadeado nos diversos integrantes do grupo sentimentos de medo e inveja, então, os filhos desse pai matam-no em resposta ao autoritarismo paterno e devoram-no em um banquete. Freud (1913/1996) coloca que esse canibalismo irá instaurar uma identificação entre os irmãos para com o pai e conseqüentemente a introjeção da lei paterna. Após esse banquete, o pai edípico é exaltado e posto como um totem, fazendo assim emergir os limites, os deveres, os direitos e o horror ao incesto presente na sociedade.

Ainda no último capítulo de “Totem e Tabu”, Roudinesco & Plon (1998) nos mostram que “Freud recorreu a sua teoria da sexualidade infantil, à história de Herbert Graf (o Pequeno Hans) e, acima de tudo, a uma observação exemplar fornecida por Ferenczi: o caso de ‘Arpad, o homenzinho-galo’” (p. 758) para ilustrar a relação do Complexo de Édipo com o animal totêmico. Então, Freud concluiu que esses desejos incestuosos no período edípico presentes nas crianças fazem com que os sentimentos hostis sejam deslocados para os animais, tornando-os, assim, objetos fóbicos. (FREUD, 1913/1996).

3ºATO AO MATAR O PAI E LIVRAR TEBAS DA ESFINGE, ÉDIPO É POSTO NO TRONO DE LAIO, E SEM SABER DESPOSA A RAINHA JOCASTA, SUA MÃE.

Em um terceiro momento, Freud esboça como se dá a saída do Complexo de Édipo e quais os frutos que surgem desse conflito. Aqui, somos levados às seguintes obras, “*Psicologia das Massas e Análise do Eu*” e “*O Eu e o Isso*”. Respectivamente, em resumo, Freud (1921/1996) propõe na primeira obra o quão é importante as identificações parentais para a dissolução desse conflito nas crianças. Na segunda, Freud (1923a/1996) nos apresenta o supereu enquanto herdeiro do Complexo de Édipo, anunciando que essa instância possui ainda uma tríplice função: a auto-observação, a consciência moral e o ideal do eu.

Em “*Psicologia das Massas e Análise do Eu*”, Freud tem por objetivo “explicar em termos psicológicos certos aspectos do funcionamento das sociedades humanas, em particular o que provém do psiquismo do indivíduo inserido na massa, (...) no sentido de esclarecer as relações entre a psiquê e a política” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.613). No capítulo 7 dessa mesma obra, Freud (1921/1996) coloca que:

A identificação é conhecida pela Psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do Complexo de Édipo. Um

menino mostrará interesse em especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal. (p.115)

Segundo Freud (1921/1996), essa identificação com os pais conduz o homem ao convívio em sociedade e também mantém firme o “laço mútuo existente entre os membros de um grupo” (p. 117), ou seja, é esse reconhecimento ao paterno que contribui para que essa criança conviva com os outros. Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998) confirmam que Freud conseguiu demonstrar que as identificações adivindas das relações amorosas presentes no Complexo de Édipo constituem “a essência da alma das massas”, e que tal pensamento foi negligenciado por Le Bon e McDougall em suas obras.

Na obra “*O Eu e O Isso*” de 1923, Freud nos apresenta de forma mais sistematizada a segunda tópica, constituída pelas seguintes instâncias: isso, eu e supereu. Essa última instância como havíamos nos referido anteriormente como herdeiro do Complexo de Édipo, foi discutida afincamente por Freud em um capítulo chamado “*O Eu e O Supereu (Ideal do Eu)*”. Contudo, nesse capítulo o autor a todo tempo trata o supereu e o ideal do eu como sinônimos, mas ressaltamos que esses conceitos tomaram, *a posteriori*, conotações distintas. Vejamos:

O ideal do eu [*supereu*], portanto, é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do isso. Erigindo esse ideal do eu, o eu dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao isso. (FREUD. 1923a/1996. p. 48-49)

Freud (1923a/1996) deduz que o supereu tem a capacidade reter o caráter do pai e que quanto mais rápido os desejos edípicos forem sucumbidos ao recalque, “mais severa será posteriormente a dominação do supereu sobre o eu, sob a forma de consciência (*conscience*) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa.” (p.47). Sobre esse sentimento inconsciente de culpa, Philippe Julien (1997) coloca que “a culpa, bem sabemos desde Freud, é introduzida após a relação do sujeito com a Lei que a sanciona.” (p. 117) e que esse sentimento é fruto do Complexo de Édipo articulado a um outro Complexo, o de castração, que será discutido em breve neste artigo.

Ainda nesse mesmo trabalho, Julien (1997) consegue sintetizar esse terceiro momento afirmando que:

“Na idade de cinco ou seis anos, no momento do declínio do Complexo de Édipo e da interiorização do supereu, menino ou menina *apagam* o pai real. Desdobra-o, ao recobri-lo por um pai imaginário. A criança fomenta, forja uma Imagem paterna de alta estatura, de forte *status*, uma bela estátua! Volta-se para esta imagem, digna de ser

admirada, e se apoia em alguns traços provenientes desse homem, bonito, forte, viril, ator de televisão ou de cinema, herói de desenho animado, personagem da literatura ou, simplesmente, na escola, entre os educadores. É preciso que o pai encarne uma parte dessa autoridade, cuja origem é mais de natureza política e religiosa, do que familiar.” (p. 55-56)

4º ATO O ASSASSINO DE LAIO É DESCOBERTO, E ÉDIPO É DESTRONADO LOGO EM SEGUIDA; JOCASTA SE ENFORÇA AO SABER DA TRAGÉDIA E ÉDIPO FURA OS PRÓPRIOS OLHOS COM OS BROCHES DA MÃE, NA TENTATIVA DE NEGAR A REALIDADE.

No quarto e último momento temos Freud colocando a “verdade” edípica em cena, ou seja, nos contemplando com cinco textos que esclarecem algumas questões que não ficaram tão claras no percurso dessa construção teórica e que “só depois” ele conseguiu resignificá-las. Essas questões até então nebulosas dizem respeito sobre o encerramento do conflito e as diferenças que existem no Complexo de Édipo da menina e do menino. Os textos que caracterizam esse momento são: *A Organização Genital Infantil (Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade)* (1923); *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924); *Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica* (1925); *Sexualidade Feminina* (1931); *Feminilidade (Conferência XXXIII)* (1933).

Esses textos são de extrema importância para a teoria psicanalítica, pois além de Freud ter trago novos conceitos, ele também lança bases para uma melhor compreensão sobre a mulher e a feminilidade. Dividiremos esse momento em dois para que o leitor possa compreender melhor os desdobramentos da construção. Nos três primeiros textos, Freud faz algumas reflexões que ajudam a esclarecer as diferenças do Complexo de Édipo na menina e no menino e pontua que a angústia desencadeada pelo Complexo da Castração é tido como ponto nodal para a sua dissolução, além do mais, Freud também traz a dimensão do falo enquanto objeto do desejo.

No texto “*A Organização Genital Infantil*”, Freud relembra algumas ideias que foram escritas em 1905 nos “*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*”, uma delas é que a “escolha” de um objeto sexual desencadeada na fase da puberdade tem as suas raízes na infância, porém Freud (1923b/1996) repensa que:

Hoje não mais me satisfaria com a afirmação de que, no primeiro período da infância, a primazia dos órgãos genitais só foi efetuada muito incompletamente ou não o foi de modo algum. A aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto. (p.158)

Podemos afirmar que essa reflexão de Freud, feita após dezoito anos, ainda nos permite observar que a organização da sexualidade humana não ocorre de modo lógico-matemático, mas de modo desorganizado e conturbado e que a escolha dos nossos objetos sexuais na fase adulta estão para além das nossas experiências sexuais infantis. Em seguida, no mesmo parágrafo, Freud (1923b/1996) coloca que a organização genital infantil não está na ordem de “uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (p. 158). Continuando, Freud (1923b/1996) expõe que a angústia de castração presente no Complexo de Édipo na menina e no menino acaba recaindo sobre os objetos fálicos.

Em “*A Dissolução do Complexo de Édipo*”, Freud (1924/1996) demonstra que o Complexo de Castração no Édipo do menino teria como objetivo dissolver e dispersar os desejos edípicos. Já na menina o Complexo de Castração viria na intenção de introduzir a menina no Édipo, ou seja, lançando a menina a buscar os atributos fálicos do pai. “Assim, o Complexo de Édipo se encaminharia para destruição por sua falta de sucesso, pelos efeitos de sua impossibilidade interna” (FREUD, 1924/1996, p.193). Resumindo em outras palavras:

O menino sai do complexo de Édipo pela via da castração, ou seja, ele se afasta da mãe sob a ameaça de perder o falo e se encaminha para uma posição análoga à do pai. Já a menina entra no Édipo pela via da castração, e aqui Freud nos lembra que, quando se perde um objeto amoroso, a tendência é tentar substituí-lo através da identificação. A menina então, face à castração, reaproxima-se da mãe, identificando-se com ela. (AZEVEDO, 2008, p. 66)

No texto “*Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica*” o editor inglês, James Strachey, coloca na nota de abertura que “quase todos os pormenores já estão presentes em uma forma condensada neste trabalho” (p. 275). Esse pormenores no qual o editor se refere são, em especial, as noções de Complexo de Édipo feminino, a angústia de castração e o falo. Poli (2007) demonstra que no título desse texto Freud já deixa de modo explícito que a anatomia genital é tida como um fundamento natural na qual a sexualidade infantil irá se apoiar no destino edípico de cada criança.

Poli (2007) continua colocando que “a constatação proprioceptiva – visual, sobretudo – da presença ou ausência do pênis seria o marco referencial para a assunção de uma posição subjetiva nas várias instâncias da vida” (p. 12). No final do texto, Freud (1925/1996) reconhece humildemente que:

Estou inclinado a atribuir algum valor às considerações que apresentei sobre as consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Estou ciente, contudo, de que essa opinião só pode ser sustentada se meus achados, que se baseiam em um bocado de casos, demonstrarem possuir validade geral e serem típicos. Se não, eles permaneceram não mais que uma contribuição ao nosso conhecimento dos diferentes caminhos pelos quais a vida sexual se desenvolve. (p.286)

Nos dois últimos artigos sobre o Édipo, Freud discute as peculiaridades do conflito edípico na menina que ele havia de certa forma “ignorado” nos momentos anteriores e também como se dá o processo de constituição da feminilidade nas meninas. No artigo “*Sexualidade Feminina*”, Freud dá ênfase à relação pré-edípica da menina à mãe e como as atitudes da menina para com a mãe ajudam a desencadear a feminilidade.

Freud (1931/1996) demonstra que a menina no período pré-edípico é um “menino”, ou seja, ainda não há diferenças no Édipo do menino e da menina, porém quando a mãe aponta o pai e o mesmo põe limites à relação mãe-bebê, a menina percebe as diferenças presentes tanto entre os pais, quanto nela. A partir dessas diferenças a menina nota que o pai possui maiores atributos e acaba se dirigindo a ele, com a “recusa” desse pai, a menina começa a se identificar com a mãe, pois vê nela atributos que ajudaram a construir a sua feminilidade, dirigindo, assim, os seus desejo para cultura buscando sempre conquistar atributos fálico que o pai detém.

Na Conferência XXXIII, intitulada de “*Feminilidade*”, Freud (1933 [1932]/1996) relata que desde as últimas conferências, datadas por volta de 1915 e 1916, muita coisa na Psicanálise mudou, principalmente no que tange a teoria. Uma dessas mudanças geniais de Freud foi a ideia de que a anatomia genital tão marcantes para o processo de dissolução do Complexo de Édipo na menina e no menino não mais contribuem para o processo de masculinidade e feminilidade, ou seja, “é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (p. 115).

Portanto, ao invés da diferença sexual se constituir como um fato biologicamente pré-determinado, ela desenvolve-se a partir de processos identificatórios relacionados ao posicionamento diante do falo. Freud destingue, então, a relação que o Complexo de Castração assume com o Complexo de Édipo. No menino, é o Complexo de Castração que dá fim ao Édipo. Já na menina, é graças à castração que ela tem garantida sua entrada no complexo edípico.

Em outras palavras, se a “saída” do menino no Complexo de Édipo se dá com a constituição do supereu, o desenvolver do Édipo na menina passará por várias etapas.

A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal. (FREUD, 1933 [1932]/1996, p.126)

Apesar da sugestão do título, vale ressaltar que o Édipo adquire uma especificidade a partir do posicionamento fantasmático do sujeito frente ao objeto fálico. Ou seja, mesmo se caracterizando como uma construção teórica, o Édipo se complexifica em vários atos, a depender da história ímpar de cada um.

Portanto, essa pesquisa, ao revisar os períodos freudianos da elaboração do complexo de Édipo, abre possibilidades, para a transmissão da teoria psicanalítica entre os estudantes da graduação do curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão que desejarem enveredar pelas tramas da conceitualização freudiana. Sem esquecer que os pontos aqui debatidos, estão longe de esgotarem o tema e aspiram incessantemente ao florescimento de novas e inquietantes questões.

REFERÊNCIAS

- ASSOUN, Paul-Laurent. **El Vocabulario de Freud**. Buenos Aires: Nueva Visión. 2003.
- AZEVEDO, Ana Vicentini de. **Mito e Psicanálise**. Coleção Psicanálise Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 2004.
- BLEICHMAR, Hugo. **Introdução ao Estudo das Perversões: A Teoria do Édipo em Freud e Lacan**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1984.
- FREUD, Sigmund. (1950 [1892-1899]) **Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess**. Vol. I. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. (1900) **A Interpretação dos Sonhos (I)**. Vol. IV. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. (1910) **As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica**. Vol. XI. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. (1913) **Totem e Tabu e Outros Trabalhos**. Vol. XIII. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. (1921) **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos**. Vol. XVIII. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. (1923a) **O Ego e O Id e Outros Trabalhos**. Vol. XIX. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. (1923b) **A Organização Genital Infantil** (Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade). Vol. XIX. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. (1924) **A Dissolução do Complexo de Édipo**. Vol. XIX. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. (1925) **Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos**. Vol. XIX. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. (1931) **Sexualidade Feminina**. Vol. XXI. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. (1933 [1932]) **Feminilidade**. Vol. XXII. ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- JULIEN, Phillippe. **O Manto de Noé: Ensaio Sobre a Paternidade**. Rio de Janeiro: Revinter. 1997.
- MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. **Édipo em Freud: O Movimento de uma Teoria**. Psicologia em Estudo, Maringá, v.9, n.2, p. 219-227, maio/agosto. 2004.

POLI, Maria Cristina. **Feminino-Masculino:** A Diferença Sexual em Psicanálise. Coleção Psicanálise Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 2007

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 1998.